



## **A construção e as influências da narrativa jornalística: um paralelo entre as atuais reportagens investigativas e as grandes reportagens do jornal *Última Hora*<sup>1</sup>**

**Gisele Marques<sup>2</sup>**

**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)**

### **Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo principal entender as influências geradas pelo exercício do chamado jornalismo investigativo na contemporaneidade. Pretende-se questionar o conceito amplamente aceito na comunidade jornalística da notícia como o reflexo do social e, a partir disso, trazer a reflexão sobre as notícias como meio de construção da realidade. A idéia é analisar de que forma “contar a história” altera a “história contada”.

### **Palavras-chave**

Narrativa; jornalismo investigativo; influências

### **Introdução**

O ponto de partida do estudo sobre a condição subjetiva do discurso em questão será a análise das influências que as narrativas jornalísticas exercem sobre a sociedade. Inserem-se neste contexto também as reportagens investigativas no formato ‘livro-reportagem’ que ganharam bastante notoriedade, com ênfase em *Abusado – o Dono do Morro Dona Marta* e *Rota 66*, de Caco Barcellos.

Paralelo a isso, há um estudo sobre as primeiras edições do jornal *Última Hora*, a partir de sua primeira publicação, em 12 de junho de 1951. O objetivo é saber como eram as narrativas das chamadas “grandes reportagens” - que ocupavam destaque no jornal e muitas vezes tinham continuidade em mais de uma edição - e compará-las com o “modelo” atual de jornalismo investigativo. Vale ressaltar que, na época, ainda não

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda da PUC-Rio. Aluna de PIBIC da Universidade, onde desenvolve pesquisa sobre *Jornalismo Investigativo e seus critérios de noticiabilidade*, com o professor Leonel Aguiar. Projeto financiado pelo CNPq.



havia o gênero em questão, mas as chamadas “grandes reportagens” já tinham características muito semelhantes às das reportagens investigativas.

Outra questão que merece ser analisada é a própria expressão “jornalismo investigativo”. Muitos profissionais da área ou mesmo teóricos criticam-na, tomando como premissa que todo jornalismo deveria ser considerado investigativo. A partir daí, a nomenclatura seria um mero pleonasmo. Entretanto, a intenção deste trabalho é, também, provar que ainda que haja coerência nesta corrente de pensamento, é preciso diferenciar o jornalismo investigativo das outras formas de trabalho, uma vez que a categoria em questão é responsável por uma dedicação distinta de tempo e de empenho para realizar a apuração detalhada acerca do tema ao qual o repórter pretende divulgar. O resultado, muitas vezes, é tão extenso que pode até mesmo não caber no veículo a que está destinada a publicação. Para isso, uma saída cada vez mais comum para o público ter acesso, na íntegra, à reportagem, tem sido a elaboração do formato “livro-reportagem” ou mesmo dos documentários em vídeo.

O gênero trata de desvios de conduta que afetam diretamente à sociedade e normalmente as denúncias são resultado de uma investigação minuciosa por parte dos repórteres. Ao contrário do que muitos pensam, não é sempre que se parte de informações que chegam às redações dos jornais. Mesmo quando uma reportagem investigativa tem como seu ponto de partida uma denúncia, cabe ao jornalista uma extensa apuração sobre o caso, buscando fontes primárias, documentos e provas como condições imprescindíveis para que se chegue à publicação final.

Por isso, é preciso avaliar a prática do jornalismo investigativo diante de sua responsabilidade social. Cabe, ainda, a seguinte indagação: como fica o código de ética diante de um contexto em que são cada vez mais comuns os apelos sensacionalistas em busca da audiência e da lucratividade? E como se dava essa questão nos primeiros anos da década de 50, época em que a lógica mercadológica da imprensa começa a se figurar de forma eficiente no cenário brasileiro?

É importante destacar que o plano de fundo é o modo como começa a se consolidar essa imprensa em território nacional. Antes de 1950, o jornal era um espaço para polêmicas. Os textos tinham um traço predominantemente literário e uma linguagem mais rebuscada. A partir dessa época, a forte industrialização, o ritmo acelerado das transformações urbanas e o avanço tecnológico, como um todo, caracterizavam a atmosfera desenvolvimentista que o Brasil vivenciava. Era um período

em que o país começava a buscar uma forma de entender a lógica da imprensa, adequando-a ao processo acelerado no qual as mudanças sociais ocorriam.

Enquanto o Brasil teve cerca de um século para implementar, estudar e, sobretudo, entender como deveria ser o jornalismo, a Europa, por exemplo, já estava nesse processo há dois séculos. Essa enorme discrepância de tempo foi uma das grandes responsáveis para que o processo de consolidação e formação da imprensa tenha se dado de forma “atropelada” e até mesmo confusa.

É nesse contexto que esse trabalho pretende nos levar à reflexão. Por meio das comparações das “grandes reportagens” do Jornal *Última Hora* com os critérios de construção das atuais reportagens investigativas será possível compreender qual é o processo ao qual o jornalista passa até que essas reportagens cheguem à fase final de publicação e tentar entender os mecanismos do jornalismo na construção da realidade.

Pretende-se também analisar de que forma o jornalista consegue unir ética e compromisso social na conjuntura democrática brasileira. E, em um contexto em que as notícias vão ganhando gradativamente um caráter efêmero, que tende à superficialidade, como é possível manter e estimular as reportagens mais extensas e apuradas, ganhando tanta notoriedade como tem sido com o jornalismo investigativo.

### **A interferência do autor na narrativa jornalística: notas sobre Abusado e Rota 66**

Para muitos jornalistas, é inconcebível outro conceito senão o de que a notícia é o reflexo do real, de que o fato está dissociado do relato. Para os adeptos desta teoria, é como se isso fosse responsável por “habilitar” o exercício da profissão. Entretanto, este artigo vai de encontro a este ideal. A análise toma como embasamento a teoria do *Newsmaking*, “como afirma Tuchman (1983:94), a notícia constrói uma representação da realidade social; ou conforme reforça Hall (1984:04), a notícia é uma construção narrativa da realidade”. (AGUIAR, 2006:76)

Entende-se, aqui, que o sujeito do conhecimento constrói o objeto do conhecimento e, por sua vez, é também construído por ele. Assim, o fato e o relato fundem-se. Isso se contrapõe ao discurso recorrente na comunidade jornalística, que “adota” em larga escala a “Teoria do Espelho”, na qual “o jornalismo reflete a realidade: a imprensa é um “espelho” do real e as notícias são um reflexo – um relato verdadeiro e fiel dos fatos”. (AGUIAR, 2006 apud TUCHMAN, 1983, p.79) Para

Nelson Traquina, isso ocorre porque o produto jornalístico e o profissional são apresentados para a sociedade muitas vezes de forma distorcida, como um herói que irá salvar a humanidade. (MONTEIRO, P.2).

Nesse contexto, vale trazer à tona a interpretação da narrativa jornalística em *Abusado*. Não se pode esquecer, primeiramente, que o *Abusado* já nasceu livro. Esse foi o projeto desde o início e, por isso mesmo, seu texto tem inúmeras peculiaridades. Mas o fato é que a obra gerou conseqüências, principalmente sobre o próprio contexto retratado. Dessa forma, são inegáveis as relações entre a morte do traficante Marcinho VP, protagonista do livro, e a publicação da obra.

Em entrevista ao site [www.facasper.com.br/jo/notas.php?id\\_nota=228](http://www.facasper.com.br/jo/notas.php?id_nota=228), feita por Ana Paula de Deus e Luísa Pécora, editoras do site, o documentarista João Moreira Salles diz ter visitado Marcinho VP mais de dez vezes na prisão e afirma que cerca de um mês antes da morte do amigo, Marcinho teria lhe enviado uma carta contando que seria assassinado por um descuido do livro. O protagonista não havia lido o livro e tampouco autorizado sua publicação. Alguns dos personagens citados dividiam cela com ele e o fato de não ter tido acesso fez com que o traficante não previsse a possível repercussão<sup>3</sup>.

É notório que o sucesso de ter protagonizado o livro, no mínimo contribuiu para o assassinato, pois “a morte de VP, na prisão, pode significar um acerto de contas entre rivais, uma revanche das forças policiais que teriam se vingado do traficante *Abusado* ou um ato que incorporou a inveja dos companheiros anônimos, irados, sem glamour e sem fama” (PAIVA, p.6). Não se pode negar que o traficante pode ser interpretado quase como uma celebridade, sobretudo em seu contexto sócio-cultural.

“O ato de dar voz ao criminoso - virtualmente - faz do narrador, o sujeito da enunciação, um cúmplice no assassinato do bandido. E aqui não se trata de forçar uma barra, exagerando na interpretação do fato, mas simplesmente de admitir o poder que a mídia tem de acender e apagar as estrelas (incluindo aqui a o jornalismo investigativo, literatura de massa, o rádio, o cinema, a televisão)”.  
(Idem)

Em um estudo sobre os discursos no livro-reportagem *Rota 66 – a história da polícia que mata*, também de Caco Barcellos, a jornalista Ariane Carla Pereira destaca de que forma a construção de uma narrativa vai influenciar o seu público leitor, a partir das referências e do posicionamento do próprio jornalista.

---

<sup>3</sup> Segundo Moreira Salles, foi uma morte anunciada. Ele foi encontrado morto na lata de lixo com todos os livros que tinha, inclusive o *Abusado*, porque achavam pedante um bandido ler.

“Acusar, alertar, ameaçar, berrar, exigir, gritar, ordenar e revelar são exemplos de verbos usados por Barcellos e que, implicitamente, colocam em cena julgamentos, ou melhor, posicionamentos. Assim como o discurso relatado que em Rota 66, em alguns momentos, tem como função explicitar e/ou contrapor o posicionamento do jornalista-escritor e o da Polícia Militar.

Posicionamentos estes que, numa perspectiva de analista do discurso, considero como formações discursivas e formações ideológicas. (...) Acredito que, ao informar, o jornalista-escritor não apenas relata/narra os fatos, mas também, se posiciona e, nesse momento, confirma filiações ideológicas na forma de informações”. (PEREIRA, p. 17)

Parece muito claro, dessa forma, que não há aplicabilidade prática no conceito de objetividade jornalística. Se a configuração deste discurso ainda é amplamente aceita por parte de muitos profissionais da área; na prática, torna-se insustentável.

Vale destacar, ainda, que não se trata, aqui, de fazer uma espécie de “condenação” à obra de Caco Barcellos. Mas de refletir sobre as influências e os parâmetros éticos do jornalista na configuração do social.

### **Linha Direta: pretenso jornalismo imparcial e neutro**

Ainda na análise desta influência, cabe destacar também o alcance de programas ditos investigativos, como o *Linha Direta*, da TV Globo, a título de exemplo. Nele, há, indubitavelmente, o intuito de denunciar e promover justiça para crimes normalmente considerados hediondos. O que chama a atenção, entretanto, é o formato, a linguagem, a maneira como se mostram os fatos.

O primeiro destaque é para o próprio apresentador, e o tom de suspense e “drama” enquanto narra os VTs. Sua voz em ‘off’, enquanto se passam os vídeos de simulação dos crimes sugerem a neutralidade e a verdade do enunciador e do que está sendo relatado. Ou seja, é a voz de quem “tudo sabe”, de forma neutra e imparcial. O segundo é para a própria produção dos VTs. A edição, elaborada com base nos relatos de uma prévia investigação, tem como ponto de partida determinada leitura feita a partir desses mesmos relatos. Assim, constrói-se um “pré-julgamento dos fatos”, não deixando a mínima margem para outras interpretações. Mais uma vez vale lembrar que a pretensão deste trabalho não é meramente “condenar” os programas e obras colocados em xeque, mas tentar entender de que forma se constrói a narrativa jornalística e quais suas respectivas consequências.

No caso do *Linha Direta*, é imprescindível enfatizar também seu alcance, tendo em vista que o programa é veiculado em rede nacional, pela emissora campeã de audiência. Quando se transmite um programa desta abrangência, com uma espécie de pré-julgamento já feito, sob a ótica de uma interpretação já elaborada acerca dos criminosos, a produção nada mais está fazendo que confirmando os “monstros”, já evidenciados por Michel Foucault.

O filósofo propõe que a sociedade hodierna trabalha com dispositivos normalizadores. A idéia é padronizar todos os cidadãos e, assim, diagnosticar a boa saúde social. Paralelamente, há a construção da figura do “monstro”, que pode ser reconhecida na radiografia do anticidadão por excelência. Esses seriam os marginais ou todos aqueles que se encaixam dentro do estereótipo mais caricato da sociedade, desde o favelado até o terrorista. Figuras, antes de tudo, “monstralizadas”, negativizadas.

E não é isso mesmo que, muitas vezes, o pretense jornalismo investigativo propõe? Isto é, reforçar os estereótipos, os “monstros”, os anticidadãos por excelência? “A mídia como vetor de publicização da vida cotidiana – tem o poder de formar, informar e transformar, mas também pode deformar os estilos de identidade, subjetividade e sociabilidade”. (PAIVA, p.2)

Assim, é imprescindível ressaltar a questão ética. E a resolução disso está submetida ao que o jornalista considera como seu dever de cidadão. Caso ele saiba de algo que põe em risco a nação, o seu dever ser o de refletir na profissão. (ABRAMO, 1997:109) E ressalta, ainda, que o conceito de objetividade gera uma contradição na formulação política do trabalho jornalístico. Para ele, “deve-se, sim, ter opinião, saber onde ela começa e onde acaba, saber onde ele interfere nas coisas ou não. É preciso ter consciência. (...) O jornalista não deve ser ingênuo, deve ser cético”. (Idem)

### **As narrativas no jornal *Última Hora***

A escolha das narrativas do jornal *Última Hora* como fonte de comparação às narrativas jornalísticas atuais é simples. O jornal diário e vespertino foi fundado no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1951 por Samuel Wainer<sup>4</sup>. Essa é a época em que começa a se figura uma imprensa de maneira mais eficiente no Brasil. Antes disso, o texto tinha

---

<sup>4</sup> O *Última Hora* surgiu para aumentar a popularidade de Getúlio Vargas (em baixa na época) e trabalhar sua imagem junto à opinião pública.



um cunho predominantemente literário, não havia técnica formal. A escrita era para aqueles que nasciam com o “dom da palavra”. Machado de Assis, Nelson Gonçalves, João do Rio, entre tantos outros expoentes da literatura compunham as redações entre a década de 20 e a de 50. Havia, na tradição jornalística, certa aura de importância intelectual.

Entretanto, é exatamente por volta de 1950 que a esfera desenvolvimentista começa a se configurar no cenário brasileiro. Os conceitos norte-americanos de objetividade, neutralidade e imparcialidade no exercício do jornalismo encontram terreno muito fértil por aqui. A característica literária do texto começa a dar espaço para a técnica. É o início de um movimento que vai ganhar cada vez mais força com o passar do tempo. O argumento de incorporar “essas técnicas” é que, com o novo formato, as notícias ganhariam mais credibilidade. Somado a isso, há também o interesse em atrair anunciantes. Uma configuração perfeita que se desdobra até os dias atuais.

No *Última Hora*, a ênfase foi dada às grandes reportagens, que, não raras as vezes, aparecem em mais de uma edição do jornal. O repórter que aparece mais vezes neste tipo de reportagem é Edmar Morel. No primeiro mês de publicação, chamou minha atenção a matéria “Caxias: a cidadela do crime - onde a criança nasce condenada a morrer”. (MOREL, 1951:12) A matéria tem como início o seguinte trecho:

“Uma cidade aberta aos foragidos da justiça e à vasa humana escorraçada pela polícia carioca – um juiz para 200 mil habitantes, absoluta falta de escolas, mas 350 tendinhas vendem aguardente! Dois mil processos empilhados – fala o juiz. E punhastas transformados em autoridades. Jogo, charlatanismo, macumba.”  
(Idem)

Nesse fragmento, que corresponde ao início da matéria do *Última Hora*, percebe-se claramente como a narrativa se constitui: excesso de apelo e tom sensacionalista, o que é bastante condizente com a linha editorial do jornal, um dos primeiros a dar importância ou mesmo ‘voz’ a áreas como a Baixada. Até então, isso nunca havia sido feito.

A reportagem é cheia de adjetivos e juízos de valor. Há dados e fontes, mas também o excesso de personalidade. Apresenta subtítulos como “escória” e “charlatanismo e jogo”. A matéria tem continuidade em outra publicação, que começa da seguinte maneira “Urge tirar as manchas de sangue” (MOREL, 1951:12) e continua:

“O que Caxias precisa – a 30 minutos da Av. Rio Branco – é de escolas, autoridades policiais que tirem a folha corrida, condições de higiene mais

condignas, moralização dos costumes, alfabetização, sobretudo, combate às crendices populares (...). O que ocorre em Caxias é o reflexo de uma política errônea do governo e de aventureiros que só voltam às suas atenções para o município fluminense às vésperas de eleições, quando derramam dinheiro em busca de votos flutuantes, irritando o cacique, que ali vive desde 1927... Mas, continuemos a narrativa.” (Idem)

Nessa breve análise, fica muito claro, portanto, que a narrativa desse período ainda não havia incorporado os novos preceitos que iriam fazer parte das redações nos seguintes. Entretanto, a matéria apresenta um assunto inovador para época, assim como apresenta um contexto inovador. As reportagens de Edmar Morel normalmente são extensas e não são diárias. As aparições variam de acordo com o tempo de apuração de cada matéria.

Com o tempo, a linguagem jornalística vai se modificando, na tentativa de se alcançar maior credibilidade. E o jornalismo investigativo, tal como é conhecido hoje, ganha força e notoriedade. Após a morte de Getúlio, Edmar Morel publica reportagens mais claramente investigativas, como o envenenamento da população com o leite misturado com água e até com urina humana; o escândalo dos francos furtados ao Banco do Brasil; a venda de entorpecentes por hospitais dos antigos institutos de aposentadoria e pensões; a distribuição de milhões de cruzeiros em subvenções inexistentes a sociedades de caridade; a existência de fábricas de diplomas falsos dentro do próprio Ministério da Educação e a série de reportagens que Edmar Morel fez sobre as condições em que se encontravam os detentos nas prisões cariocas. Entretanto, já nessa época havia a publicação de matérias, como “Caxias: a cidadela do crime”, que apresentam critérios de noticiabilidade muito semelhantes com as do gênero citado.

A questão, então, não está na linguagem. Mesmo porque nas reportagens pretensamente imparciais não há - ainda que muitos pensem - de forma alguma, a isenção por parte do jornalista – sujeito do conhecimento. Jamais se transmite a história de forma imparcial.

A questão, o gênero jornalismo investigativo, está no processo de produção, na escolha do assunto, no alcance do público, nas influências sobre o público leitor, na construção de uma sociedade democrática, nas interferências da e sobre a sociedade.



### Considerações finais:

O jornalismo investigativo está ancorado na curiosidade e no trabalho intenso de assuntos para o interesse público. O gênero não pode ser confundido com “denuncismo”, mas isso também não pode desqualificar a denúncia como ponto de partida. No processo de elaboração das reportagens, há um estudo minucioso à essência do que se quer revelar. Ainda que muitos considerem o gênero mero pleonasma, não se pode deixar de destacar que há, sem dúvida, uma peculiaridade em sua construção.

A questão ética deve ser constante para o jornalismo. Como produtor de sentido no processo de construção da realidade, ele deve saber que nada – jamais – pode ser contado de forma imparcial ou neutra. Há discursos dentro da própria narrativa jornalística que vão exercer influência sobre a sociedade.

Tanto na reportagem com juízos de valor, excesso de adjetivação e pessoalidade quanto em uma reportagem pretensamente imparcial, há participação, ainda que involuntária, do próprio jornalista. E isso gera, inevitavelmente, desdobramentos na própria sociedade.

O jornalismo tem, portanto, um compromisso. Não se pode reproduzir o discurso técnico, como foi nos anos 50, sem se questionar sobre a mensagem. Diante de um contexto em que muitas vezes a forma, que ganha mais destaque que o conteúdo, e a superficialidade são estimuladas, não se pode esquecer que a notícia não está se destinando a máquinas. Não se pode subestimar o receptor.



### Referências bibliográficas:

ABRAMO. *Regra do Jogo – o jornalismo e a ética do marceneiro*, Companhia das Letras, 1997.

LOPES, Dirceu Fernandes & PROENÇA, José Luiz. (2003), *Jornalismo investigativo*. São Paulo, Publisher Brasil.

MACHADO, Marcia Benetti e JACKS, Nilda. *O discurso jornalístico*. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/Pos/gthornalismo.doc/2001/machado\\_jacks2001.rtf](http://www.facom.ufba.br/Pos/gthornalismo.doc/2001/machado_jacks2001.rtf)>. Acesso em: 10 Jun. 2007.

MONTEIRO, Adriana Crisanto. *Emoção no discurso da mídia impressa*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/monteiro-adriana-emocao-discurso.pdf>>. Acesso em: 10 Jun. 2007.

MOREL, Edmar. *Jornal Última Hora*. Rio de Janeiro, 13,14,15 Jun. 1951.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. *De olho nos traficantes, malandros e celebridades: um estudo de mídia e violência urbana*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-midia-violencia-urbana.pdf>>. Acesso em: 10 Jun. 2007.

PEREIRA, Ariane Carla. *Os discursos no discurso do livro-reportagem*. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/caligrama/n\\_6/05\\_Ariane\\_Carla\\_Pereira.pdf](http://www.eca.usp.br/caligrama/n_6/05_Ariane_Carla_Pereira.pdf)>. Acesso em: 10 Jun. 2007.

Revista da Comunicação, Cultura e Política – v. 7 – n.13 – jul./dez. 2006

SIQUEIRA, Carla. *O Sensacional, o Popular e o Populismo nos Jornais Última Hora, o Dia e Luta Democrática, no Segundo Governo Vargas (1951-1954)*. Disponível em: <<http://repositorio.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4424/1/NP2SIQUEIRA.pdf>> Acesso em: 10 Jun. 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. "História da Imprensa no Brasil". Rio: Mauad, 1999.

WAINER, S., NUNES, A. *Minha razão de viver, memórias de um reporter*. Rio de Janeiro: Record, 1988.